

# APONTAMENTOS SOBRE A HERMENÊUTICA DE FRIEDRICH SCHLEIERMACHER

LAURA ELIZIA **HAUBERT**<sup>1</sup>

KLAUS PENNA **PRELLWITZ**<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente artigo se propõe a expor brevemente as características principais da hermenêutica de Friedrich Schleiermacher. Para atingir o objetivo, dividiu-se o texto em cinco partes, sendo elas: (1) uma breve introdução ao tema; (2) o contexto no qual Schleiermacher escreveu sua obra; (3) uma breve abordagem do desenvolvimento de sua hermenêutica; (4) as características principais; e (5) a conclusão. Entre as características que se destacam no item (4), ressaltou-se o entendimento da hermenêutica como arte, as diferenças entre o método gramatical e o método psicológico, o círculo hermenêutico e a pergunta “como é possível a hermenêutica”.

**PALAVRAS-CHAVE:** Hermenêutica, arte, linguagem, gramática, psicologia.

**ABSTRACT:** The present article proposes to briefly outline the main features of Friedrich Schleiermacher’s hermeneutics. To reach the intent, the text was divided into five parts, which are: (1) a brief introduction to the theme; (2) the context in which Schleiermacher wrote his work; (3) a brief approach to the development of hermeneutics; (4) the main characteristics; and (5) the conclusion. Among the characteristics that stand out in item (4), it was emphasized: the understanding of hermeneutics as art; the differences between the grammatical method and the psychological method; the hermeneutic circle; and how hermeneutics is possible.

**Keywords:** Hermeneutics, art, language, grammar, psychology.

## 1.

A hermenêutica, como termo geral, tem ao menos dois significados. O primeiro, bastante conhecido, e sobre o qual se tratará neste texto, é a hermenêutica como teoria da interpretação, é dizer, de que modo se pode compreender um texto ou enunciado. O segundo significado se refere a uma determinada corrente filosófica do século XX, e é, quase sempre, sinônimo da filosofia de Hans-Georg Gadamer e Paul Ricoeur. (FORSTER, 2007).

Abordar-se-á a filosofia de Ernst Schleiermacher, que ficou conhecido como o pai da hermenêutica moderna. Schleiermacher se destaca pois foi responsável por “desenvolver uma verdadeira doutrina da arte do compreender, em vez de uma agregação de observações” (GADAMER, 2003, p.255).

Nos tópicos a seguir, buscou-se demonstrar a importância de Schleiermacher, a partir de uma

explicitação de seu contexto filosófico, isto é, com quais pensadores esteve em contato ao desenvolver sua hermenêutica. Em seguida, apresenta-se um esclarecimento sobre as diferentes fases de seu projeto. Por fim, tratou-se das principais características de sua filosofia da interpretação.

## 2.

É necessário abordar o contexto de Schleiermacher antes de analisar suas reflexões uma vez que, ao dar os contornos para a hermenêutica moderna, ele «exprime tendências profundas da cultura alemã de seu tempo, ele faz isso em uma verdadeira pertença ao grande avivamento cultural que estava trabalhando sua nação.» (DESPLAND, 1983, p.46).

O primeiro horizonte filosófico da hermenêutica de Schleiermacher é, indubitavelmente, a filosofia kantiana. A primeira Crítica de Kant, que propõe uma crítica entre a teoria do conhecimento e a teoria do ser, é o ponto de partida, já que, segundo esta, a capacidade de conhecer é anterior à exposição ao mundo externo. Assim, Kant convida os leitores a voltarem-se para suas condições mentais.

Com a filosofia romântica e a tradição linguística iniciada por Hamann, algo mais é acrescentado à mente, a saber, o inconsciente criativo e o gênio. Além destas, há ainda o esforço para compreender as obras culturais como a alma de uma época e de um povo. A linguagem não está fora dessa esfera, como mostram os estudos de Herder. Essas duas tendências aparecem combinadas na obra de Schleiermacher (RICOEUR, 1997).

A respeito das influências de Schleiermacher, observou-se.

As condições sob as quais Schleiermacher trabalhava eram: a interpretação de obras de arte por parte de Winckelmann; a empatia congenial em relação à alma das épocas e povos defendidas por Herder, e a filologia que operava sob o novo ponto de vista estético, representada por Heyne, Friedrich August Wolf e os seus discípulos - dentre os quais Heindorf estava na mais íntima

comunhão com Schleiermacher, através dos estudos platônicos de ambos. Tudo isso se unia em Schleiermacher com o método da filosofia transcendental alemã, que buscava encontrar por trás do dado na consciência uma capacidade criativa que, operando de modo uniforme, embora inconsciente de si mesma, produz toda a forma do mundo em nós. Justamente da ligação entre ambos os momentos surgiu a arte de interpretação que lhe é própria, assim como a fundamentação definitiva de uma hermenêutica científica. (DILTHEY, 1999, p.25-26).

Conforme expõe Dilthey, a hermenêutica de Schleiermacher está intrinsecamente marcada por uma profusão de autores, combinando a filosofia transcendental kantiana ao romantismo. Suas reflexões formam a base do que veio a dar origem à hermenêutica científica mais tarde, separando-se da filologia e dos demais ramos de conhecimento aos quais esteve ligada.

De fato, além destes autores, Schleiermacher foi profundamente influenciado por questões de compreensão e produção poética do mundo histórico. O espírito alemão já havia sido conduzido por essa seara de questões por Schiller, Humboldt e pelos irmãos Schlegel. O movimento se expandiu, agregando nomes como Böckh, Disen, Welcker, Hegel, Ranke e Savigny. Destes, sem dúvida Schlegel salta aos olhos dos intérpretes de Schleiermacher, uma vez que “Friedrich Schlegel se tornou o guia de Schleiermacher rumo à arte da filologia”. (DILTHEY, 1999, p.27).

A partir da influência de Schlegel, Schleiermacher é conduzido à filologia e a questões de tradução. Então, seu virtuosismo filológico, unido com sua capacidade filosófica, formaram as bases do que viria a ser sua hermenêutica, isto é, sua ciência da arte de interpretar.

Além destas leituras, é necessário destacar também a leitura de Schleiermacher de *Institutio Interpretis Novi Testamenti*, de Johann August Ernesti (1707-1781). A obra de Ernesti foi importante pois “constitui uma importante transição da hermenêutica focada exclusivamente na bíblia em direção a uma hermenêutica mais geral”. (FORSTER, 2007, p.2).

A partir da exposição destes autores, faz-se necessário esclarecer uma pergunta: por qual motivo Schleiermacher foi considerado o pai da hermenêutica moderna, uma vez que havia tantos de seus contemporâneos falando e escrevendo também sobre o assunto? A resposta pode ser melhor entrevista no excerto abaixo.

A hermenêutica tinha sido até então, no melhor dos casos, uma construção de regras cujas partes, as regras particulares, eram mantidas num conjunto por causa do alvo de uma interpretação com validade universal. Ela tinha particularizado as funções que agem em conjunto neste processo interpretativo, dividindo-as em interpretação gramatical, histórica, estético-retórica e de conteúdo. E ela tinha trazido à consciência - pelo virtuosismo filológico de muitos séculos - as regras segundo as quais estas funções devem operar. Agora Schleiermacher voltava a um problema prévio a estas regras, à análise do compreender, portanto ao conhecimento desta ação intencional mesma. E deste conhecimento ele derivava a possibilidade de uma interpretação com validade universal, seus meios auxiliares, seus limites e suas regras. (DILTHEY, 1999, p.26).

A inovação de Schleiermacher, para Dilthey (1999), foi uma mudança no problema que ocupava a hermenêutica. Até então, ela tinha sido uma forma de interpretação ocupada com a teologia e com os textos clássicos, restrita a esses ambientes. Contudo, a partir de Schleiermacher, ela se expande para além de um mero conjunto de regras instrumentais. Passa a ser uma análise do problema de interpretar em seu sentido mais universal. Isto significa que não se tem mais um número restrito de objetos - textos - que podem ser interpretados. Qualquer discurso, escrito ou falado, passa a ser passível de interpretação a partir de Schleiermacher.

Além deste ponto destacado por Dilthey, há outros três que merecem ser destacados. São eles (a) a reunião, de maneira ordenada, de muitas das ideias importantes sobre interpretação que já haviam sido desenvolvidas por Ernesti e Herder, (b) a introdução de diversas formas de holismo

semântico e (c) o desenvolvimento da noção de que a interpretação linguística precisa ser complementada pela interpretação psicológica, além, claro, do ponto ressaltado acima da universalização.

### 3.

Schleiermacher desenvolveu sua teoria da interpretação laboriosamente em uma série de escritos, discursos e lições, que vão de 1805 a 1833. A despeito da importância destes, apenas recentemente eles se tornaram objeto de estudo de outros filósofos. De fato, parte considerável do interesse por Schleiermacher é devida a Dilthey e à imagem por ele construída. Indubitavelmente, Dilthey foi a maior autoridade a respeito do filósofo até 1959.

Com efeito, até 1959 as obras de Schleiermacher sobre hermenêutica, *Sämmtliche Werke*, continham os artigos de 1829, *Hermeneutik und Kritik*, editados por Friedrich Lürke, com base em seus textos e notas de palestras. Contudo, esta edição foi substituída em 1959 pela de Heinz Kimmerle.

Esta nova edição publicada contém os aforismos de hermenêutica escritos entre os anos de 1805 e 1809, bem como os de 1832-1833, além do primeiro rascunho de um texto de 1810 a 1819, em sua primeira parte. A segunda parte abarca os escritos do período de 1820 a 1829, e, por fim, os escritos acadêmicos de 1829 em diante.<sup>3</sup> Essa informação é relevante uma vez que “só desde o aparecimento desta edição foi possível traçar o desenvolvimento da hermenêutica de Schleiermacher e examinar sua recepção e interpretação por Dilthey”. (SZONDI, 1995, p.110).

Esta edição permitiu ver com maior clareza as diferentes fases de reflexão pelas quais hermenêutica de Schleiermacher passou. Essas diferentes fases teriam em comum um modelo dualista de método, que mantém no horizonte duas alternativas constantes: a interpretação histórica/filológica, a interpretação gramatical/psicológica, e a interpretação divinatória/comparativa, todas sendo variações da divisão sujeito-objeto que

caracterizou o pensamento moderno. (GARCÍA GOMEZ-HERAS, 2003).

Em sua primeira fase, Schleiermacher ainda não dispunha de seu sistema especulativo, nem de uma doutrina própria da interpretação. O protagonista, nos seus primeiros textos, é a linguagem, e a hermenêutica está ligada a uma certa concepção desta. O destaque vai para a filologia. A compreensão embasada nas estruturas da linguagem depende de uma dimensão objetiva, e a interpretação, embora não se reduza à gramática, é inteiramente dependente da linguagem. A partir de 1811, o sistema começa a tomar sua forma, e a hermenêutica passa a se desenvolver em correlação com a linguagem. O que marca esta fase é o trânsito de uma hermenêutica como mera técnica instrumental para uma hermenêutica como doutrina filosófica da compreensão (GARCÍA GOMEZ-HERAS, 2003).

A segunda fase marca o desenvolvimento do deslocamento de Schleiermacher da hermenêutica como técnica para a hermenêutica como interpretação, e o desenvolvimento da interpretação gramatical e psicológica, que aparecem juntas, no mesmo nível de relevância. Trata-se de dar um *status* filosófico ao ato de interpretar. Com isso, o primeiro passo do autor é remover a identificação entre o pensamento subjetivo e objetivo, e diferenciar ambos, uma distinção entre fenômeno e ideia, proclamando a proeminência do fenômeno. Destaca-se, assim, um tipo de giro copernicano dado por Schleiermacher.

Na terceira e última fase de sua reflexão sobre a hermenêutica, Schleiermacher ressalta o papel da interpretação divinatória e da atividade criativa do sujeito. Cada vez mais se observa um desvencilhar da erudição histórica filológica em direção a um sujeito romântico transcendental criador. Ele caminha em direção a uma interpretação divinatória, na qual o sujeito acrescenta, a partir de sua instância individual, algo à linguagem objetiva.

Esses esclarecimentos fornecem um horizonte básico no qual se pode entrever o florescer da hermenêutica de Schleiermacher. Passa-se, então, ao que é principal à presente pesquisa, a saber,

as principais características da hermenêutica de Schleiermacher.

#### 4.

##### (a) A hermenêutica como arte

O conceito de hermenêutica foi definido pelo filósofo como sendo a “arte de compreender corretamente o discurso do outro, predominantemente o escrito”, ou, ainda, como a “arte de compreender e interpretar”. De fato, a tarefa da interpretação “deve ser entendida como obra de arte” (SCHLEIERMACHER, 2005, p.87/99).

Necessário esclarecer em qual sentido Schleiermacher emprega o termo arte quando afirma ser a interpretação uma forma de arte. Ele não pretende reduzir a hermenêutica a uma forma subjetiva e criativa, mas, sim, destacar que ela se compõe de uma natureza dupla, como o sentido original de arte. Com efeito, arte, num primeiro momento, “incluía o sentido de saber como fazer alguma coisa, que é o significado compartilhado nos termos ‘artes técnicas’ e ‘belas-artes’” (SCHMIDT, 2014, p.26).

A interpretação é uma arte justamente porque “consiste em reconstruir do modo mais completo a inteira evolução interior da atividade compositora do escritor” (SCHLEIERMACHER, 1999, p.39). Mas, como é possível que ela desempenhe essa tarefa? A resposta é que ela possui um caráter duplo.

Na hermenêutica, podem ser identificados dois atributos, uma vez que “ela parte de dois pontos inteiramente distintos. Compreender na linguagem e compreender no falante. A interpretação é arte por causa deste duplo compreender. Nenhum deles se completa por si” (SCHLEIERMACHER, 1999, p.68).

A respeito dessa combinação, observe-se o excerto abaixo.

Esta arte de observar e interpretar dos homens vividos e experimentados politicamente, quando seu objeto é o discurso, [deveria então] ser inteiramente diferente desta que nós emprega-

mos em nossos livros? Eu não creio nisso, mas comente enquanto dois diferentes empregos da mesma arte. [...] Pois, a presença imediata do falante, a expressão viva que manifesta a participação do todo o seu ser espiritual, a maneira como ali os pensamentos se desenvolvem a partir da vida em comum, tudo isto estimula, muito mais do que o exame solitário de um texto inteiramente isolado, a compreender uma sequência de pensamentos, simultaneamente como um momento da vida que irrompe e como uma ação conectada com muitas outras, mesmo aquelas de gêneros diferentes. (SCHLEIERMACHER, 1999, p.34).

Segundo Schleiermacher (1999), a interpretação é uma arte pois combina dois momentos diferentes, quais sejam, a compreensão das regras da linguagem e a compreensão do falante, que nada mais é do que a compreensão da expressão viva se manifestando durante o ato de compreensão. Assim, o ato de interpretar possui um caráter artístico, já que a vida irrompe dele, permitindo colocar algo novo no antigo. Ou, nas palavras do filósofo, aproxima algo de novo ao sempre velho já compreendido.

Para demarcar a importância da questão, Schleiermacher distinguiu entre uma *strengere* e uma *laxere praxis*. A primeira pressupõe que o mal-entendido é resultado natural da interpretação, e muito mais comum, sendo o entendimento aquilo que deve ser almejado. Por sua vez, a *laxere praxis* pressupõe que o entendimento é o resultado natural da interpretação, e o mal-entendido, o que deve ser evitado (SCHLEIERMACHER, 2005).

Essas duas formas de práxis marcam um divisor de águas na história da hermenêutica, na medida em que representam uma nova perspectiva da compreensão e da interpretação. Se o mais natural é a má compreensão, então a hermenêutica é necessária em todos os casos em que o discurso está presente. Isto implica que sua universalidade tem por base a “noção de que a experiência da estranheza [*Fremdheit*] e a possibilidade do mal-entendido são universais” (GADAMER, 2003, p.248).

Por fim, se a hermenêutica eleva o seu método a arte, isto sucede por ele não poder ser mecani-

zado. A interpretação possui um caráter duplo, onde a validade universal da experiência humana do autor é combinada à diferença individual do intérprete. Assim, a interpretação é uma arte que combina tanto a técnica como a lógica, a criatividade, e a subjetividade (DILTHEY, 1999).

## (b) O método gramatical e o método psicológico

Volta-se novamente a atenção ao fato de que a hermenêutica parte de dois pontos distintos. Ela depende de uma compreensão da linguagem e de uma compreensão do falante. Sobre esta base, Schleiermacher desenvolve uma parte significativa da sua doutrina, a saber, que a compreensão hermenêutica é formada de dois momentos, um gramatical, e um psicológico.

A interpretação gramatical e a interpretação psicológica nada mais são do que duas aplicações das formas de interpretação tratadas acima. Ela é a explicitação do modo como a linguagem e o pensamento se sobrepõem. Se a hermenêutica é a compreensão de um discurso, e todo discurso pressupõe uma linguagem, no centro da definição está a língua. Sem ela, não seria possível nenhum tipo de comunicação e pensamento. Por outro lado, o pensamento é essencial por representar a esfera do indivíduo, a consciência, e tampouco poderia haver interpretação sem ele (RUEDELL, 2012).

Esses dois lados poderiam ser entendidos como, “o lado mais gramatical, que visa à compreensão do discurso, partindo da totalidade da língua, e o lado mais psicológico da interpretação, que visa à compreensão do discurso como um ato da produção contínua de ideias [...]”. Estes dois aspectos da compreensão são igualmente importantes e indispensáveis, e estão entrelaçados “de tal modo que o que acontece de um lado se complete por novos passos no outro lado” (SCHLEIERMACHER, 1999, p.42).

A interpretação gramatical se preocupa com compreender a linguagem do autor, isto é, entender como o autor pretendia se comunicar, como

ele empregou a língua, de que modo ele cria algo novo na linguagem utilizada. Para esta forma de interpretação, Schleiermacher estabelece dois princípios. O primeiro, diz respeito à determinação do significado de um elemento linguístico a partir da linguagem comum compartilhada entre o autor e seu público; o segundo, ressalta a necessidade de analisar o contexto para entender o sentido das palavras. (SCHLEIERMACHER, 2005).

A interpretação psicológica faz-se tão necessária quanto a interpretação gramatical. A interpretação psicológica se dedica a compreender o pensamento do autor, como ele se expressa no texto, sendo que se divide em uma análise puramente psicológica e uma análise técnica. A análise psicológica pura busca descobrir o que motivou o autor a escrever, por exemplo. Já, a análise técnica busca analisar o modo como os pensamentos se expressaram, quais as técnicas utilizadas. A parte psicológica evidencia a individualidade do autor (SCHLEIERMACHER, 2005).

Em suma, esses dois métodos unidos possibilitam ao intérprete “compreender um autor melhor do que ele de si mesmo pode dar conta” (SCHLEIERMACHER, 1999, p.43). Isto sucede em razão do intérprete estar consciente daquilo que é subjacente no processo criativo do autor, o que para ele permanece inconsciente.

O intérprete deve se colocar objetiva e subjetivamente na posição do autor do enunciado. A partir daí ele é capaz de apreender a linguagem como o autor, de modo objetivo, algo que permanece igual. Por outro lado, ele a apreende subjetivamente a partir da vida, da cultura, e da situação histórica, nele inserindo algo de diferente. Assim, a hermenêutica dependeria tanto de um talento para lidar com a linguagem, quanto de um talento para com as pessoas. (SCHMIDT, 2014).

A respeito dessa relação entre particular e universal, destaca-se que:

Cada obra é um particular no domínio da literatura ao qual pertence, e forma com outras obras de mesmo conteúdo um todo a partir do qual ela deve ser compreendida, sob uma referência,

a saber, a linguística. Mas, cada obra é também um particular enquanto ato de seu aturo e forma, com as outras suas ações, o todo de sua vida; e, portanto, deve ser compreendida a partir da totalidade de suas ações, naturalmente segundo a medida de sua influência sobre ela e sua semelhança com ela, sob outra referência, isto é, a pessoal. (SCHLEIERMACHER, 1999, p.53).

Para Schleiermacher (1999), desta comunhão entre as diferentes formas, entre a gramática e a psicologia, resulta, conforme se observa abaixo, que cada obra é um particular e um universal ao mesmo tempo, enquanto língua e enquanto ato de um criador subjetivo e pessoal, que também coloca sua marca no universal.

O duplo aspecto aqui tratado levanta uma dificuldade que é central para toda a arte hermenêutica desde muito antes de Schleiermacher, a saber, de que há um ciclo no qual se insere o ato de interpretar que parte do todo em direção ao particular, mas que também vai do particular rumo ao todo.

### (c) O círculo hermenêutico

Observa-se, agora, uma das maiores dificuldades da hermenêutica. Schleiermacher foi o responsável por reintroduzir os debates sobre o círculo hermenêutico no horizonte de seu século. Antes dele, intérpretes já haviam estabelecido o caráter circular da interpretação, isto é, a interdependência entre o todo e a parte dentro de um texto. Um texto, por exemplo, é feito de palavras. Porém, palavras só fazem sentido quando analisadas dentro de uma sentença, que, por sua vez, são localizadas em um parágrafo de um capítulo, de um livro, de um autor específico, que o escreveu em determinada época histórica e de sua vida.

Em poucas palavras, pode-se dizer que o problema é que o círculo hermenêutico ressalta como o contexto maior influencia partes específicas, isto é, como o todo depende da parte e a parte do todo. Nas palavras do filósofo, “a constituição da hermenêutica, parece ser mais um achado que uma descoberta, a saber, a ideia de que cada

particular apenas pode ser compreendido por meio do todo e, portanto, toda explicação do particular pressupõe já a compreensão do todo”. (SCHLEIERMACHER, 1999, p.46/47).

Justamente, neste assunto, “a contribuição singular de Schleiermacher [...] é sua expansão desse princípio textual para todos os aspectos da compreensão humana” (ZIMMERMAN, 2015, p.26). Não meramente as palavras dependem de uma articulação entre todo e parte, mas o intérprete, a personalidade de cada pessoa, e as relações entre obras e gêneros literários.

Esta dificuldade foi superada por Schleiermacher a partir de um procedimento adotado mediante os textos. O círculo hermenêutico não passaria de um círculo aparente, pois é possível romper com sua repetição, a partir de simples passos.

[...] quem quiser compreender um texto realiza sempre um projetar. Tão logo apareça um primeiro sentido no texto, o intérprete projeta um sentido para o texto como um todo. O sentido inicial só se manifesta porque ele está lendo o texto com certas expectativas em relação ao seu sentido. A compreensão do que está posto no texto consiste precisamente no desenvolvimento dessa projeção, a qual tem que ir sendo constantemente revisada, com base nos sentidos que emergem à medida que vai penetrando no significado do texto. (GADAMER, 2003, p.402).

Como exemplificou Gadamer (2003), o método adotado por Schleiermacher oferece uma leitura superficial que possa dar uma visão de conjunto do texto. Essa visão permite concentrar-se nas ideias centrais e o estabelecimento de uma direção. Nas leituras subsequentes, tal assunto será aprofundado.

Faz-se necessário que as interpretações gramaticais e psicológicas das partes sejam coerentes, e ambas devem concordar. Só então deve-se proceder com a análise. Caso elas discordem, é preciso verificar de onde nasce essa diferença. (SCHMIDT, 2014). É importante ressaltar a esse respeito que não se trata de encontrar uma última visão final e correta de um texto, como o próprio autor destacou.

[...] mesmo após essa repetida apreensão, toda compreensão sob esta visada superior, permanece somente provisória, e cada coisa nos aparecerá sob uma luz inteiramente distinta quando nós retornamos à obra particular após ter percorrido todo o domínio de composição que lhe é aparentado, após ter conhecido outras obras do autor, mesmo de gênero diferente, e, na medida do possível, a sua vida inteira. (SCHLEIERMACHER, 1999, p.54).

Para Schleiermacher (1999) não é possível estabelecer uma compreensão final, uma vez que se trata, antes, de um processo progressivo do espírito, onde apenas se alcançam compreensões provisórias que podem ser substituídas, à medida em que novas informações vão sendo descobertas, em que novas análises são feitas.

#### **(d) Como é possível a hermenêutica?**

Outra questão que surge é da possibilidade de o intérprete almejar reconstruir o processo criativo do autor e tornar-se mais consciente do que ele próprio foi. Como já foi visto, com os métodos, o intérprete deve compreender como o autor desenvolveu o pensamento e como utilizou a linguagem para esse fim.

Os métodos acima identificados como gramático e psicológico foram também conhecidos como método comparativo e divinatório. Eles são peças centrais para esclarecer a possibilidade de interpretação. A respeito destes, enfatizou o filósofo:

Com efeito, se em todo exercício desta arte se tem também consciência dos dois modos, o divinatório e o comparativo, e isto, como eu penso, de uma maneira tão geral que: de um lado, nós possamos compreender tudo também imediatamente, na qual nenhuma das atividades especiais intermediárias se distinguem claramente, como uma aplicação e reunião absoluta dos dois, mas quase [sem ocupar tempo perceptível]; de outro lado, também as aplicações mais complicadas da arte não nos apresentam nada diferente do que uma passagem constante de um método ao outro, a qual deve se aproximar mais

e mais de uma coincidência dos dois métodos no mesmo resultado, idêntico àquele instantâneo, se deve surgir ao menos alguma satisfação. [...] É certo que o lado gramatical não poderá prescindir do método divinatório. Pois, o que faríamos nós a cada vez que caíssemos em uma passagem onde um autor genial pela primeira vez trouxe à luz uma locução, uma composição na língua? Aqui não há outro procedimento que, partindo do modo divinatório da situação da produção de pensamentos, na qual o autor está compreendido, reconstruir corretamente aquele ato criador, (e perceber) como a necessidade do momento pode influir justamente assim e não de outro modo sobre o vocabulário dado vivamente ao autor; e também aqui novamente não há nenhuma segurança, no lado psicológico, sem o emprego de um procedimento comparativo (SCHLEIERMACHER, 1999, p.41/43).

O primeiro aspecto que Schleiermacher destaca é que os métodos comparativo e divinatório são inseparáveis. Para a eliminação do estranho e do mal-entendido, são necessários ambos os métodos, uma vez que não se pode partir senão da linguagem já conhecida, e não se pode negar o individual imediato também presente.

De fato, entre os intérpretes de Schleiermacher, o termo divinatório levantou uma série de desconstruídas definições. Gadamer identificou o conceito de divinatório com o termo sentimento, para se referir à suposta misteriosa compreensão interior. Jeanrond (1991) aponta que ele não passava de um termo para descrever o risco assumido pelo intérprete ao adentrar no mundo de um autor que é sempre inesgotável pelo próprio caráter da compreensão. Já Frank (1985, p.315) desvela que o método seria “aquela atitude de consciência do intérprete que corresponde à da produtividade estilística do autor”. Ou seja, como o estilo é singular, embora use das palavras comuns, quando se trata dele não há como o intérprete guiar-se com segurança. Aí entra sua imaginação, na tentativa de ajudar a reconstruir a peculiaridade que cabe a cada autor.

A dificuldade reside no fato de que a mesma singularidade empregada pelo autor na formulação do seu discurso deve, depois, estar pre-

sente na interpretação e na compreensão. Este é propriamente o sentido do controverso método divinatório. É claro que Schleiermacher não pretendeu eliminar toda a distância - ele está ciente de que isso não é possível -, mas uma aproximação aprimorada deve ser buscada (RUEDELL, 2012).

Como é possível buscar esse aprimoramento? A resposta parece depender da natureza dos métodos. Como se observa, “todo discurso - afirma ele - tem uma dupla relação, para o todo da linguagem e para o todo do pensamento do autor” (SCHLEIERMACHER, 2005, p.95).

Primeiro, a hermenêutica é possível pois o autor e o intérprete possuem algo em comum, a saber, a linguagem manifestada pela gramática, que depende de um contexto histórico. Assim, o método compositivo é “a interpretação coletiva e prática, que, em dada época, determinado grupo ou sociedade fez referente à relação entre os seus membros e ao mundo que lhes é comum”. (FRANK, 1985, p.290).

A linguagem, porém, não é suficiente em si mesma para fornecer um sentido completo. Ela necessita, além de uma parte formal, uma parte da imaginação, uma parte indeterminada, que é suprida pelo autor e por sua individualidade.

Há em Schleiermacher, indubitavelmente, uma questão do estilo de um autor e como se relaciona com sua tendência psicológica. E ele chega elucidar o desafio que determinadas obras representam para a hermenêutica. Contudo, reconhecer a intenção do autor, seu estilo e o estilo da obra não esgota a tarefa hermenêutica. (RUEDELL, 2013).

Também é necessário ter em mente que a interpretação divinatória contempla questões da vida do autor, isto é, o contexto no qual ele produziu determinada obra, suas motivações, seus contatos. Este conhecimento não é de menor valor, uma vez que “excluir a pergunta pelo autor seria, no mínimo, reduzir toda arte a um e mesmo denominador” (RUEDELL, 2013, p.70).

Atentar para a peculiaridade dos autores requer lidar com o método divinatório e a imaginação. Esta imaginação não pode ser empregada de

qualquer modo, mas pressupõe os dados obtidos na pesquisa, isto é, a forma e estrutura da obra, as informações sobre a vida do autor, as motivações. Apesar das controvérsias, o uso da imaginação “não vem em prejuízo de nenhum procedimento científico, mas, ao contrário, o complementa e, inclusive, faz parte dele” (RUDELL, 2013, p.71).

Para tornar mais claro o método divinatório, Schleiermacher sugere que se imagine dois viajantes escrevendo sobre suas experiências, por exemplo, sobre uma paisagem. Caso o intérprete conheça o local, é mais fácil distinguir o que é peculiar do autor em cada uma das descrições.

Com efeito, “Schleiermacher contrasta os pensamentos que fluem livremente com aqueles que são mais determinados, até o extremo onde um pensamento necessariamente determina o outro. Este processo de associação ocorre em todos nós, mas é diferente em cada pessoa” (SCHMIDT, 2014, p.46). Assim, o intérprete pode projetar e imaginar, por analogia, v.g., como se fosse o autor do texto, e quanto mais conhecimento o intérprete tiver do autor, mais fácil será para ele imaginar.

Destes métodos se evidencia como a hermenêutica é possível: (i) o processo esquemático da linguagem que, ao ser compartilhada, permite entender o autor, e o método comparativo permite compreendê-lo a partir de seus contemporâneos; e (ii) o método psicológico, ou divinatório, que permite que o intérprete reconstrua o significado por meio da imaginação e do conhecimento do autor.

## 5.

Em suma: a hermenêutica lida com o processo de compreensão do discurso. Isto implica que ela trabalha em dois âmbitos de forma concomitante, quais sejam, um âmbito meramente linguístico-gramatical, marcado pela existência de regras prévias para a sua utilização, e um âmbito psicológico-técnico, caracterizado pela individualidade e estilo de cada um.

A tarefa do intérprete é ser capaz de, superando o círculo hermenêutico, partindo de uma visão provisória do todo, compreender o que levou o autor a formular seus pensamentos, qual a linguagem empregada, de que modo e qual o método utilizado por ele. Assim, a hermenêutica funda um método de validade universal para a interpretação, sob o qual se embasa o pressuposto de que o mal entendimento resulta mais naturalmente da tentativa de interpretar que o seu contrário.

Observa-se, assim, que a teoria hermenêutica de Schleiermacher foi concebida em uma conjunção que reúne a teoria do conhecimento, a lógica, além das ciências históricas e culturais. Por isso, ela se revela como um elemento tão importante para a compreensão de qualquer discurso. Ela é uma tarefa contínua e inesgotável, frente a qual todos os leitores e falantes de uma língua enfrentam.



## NOTAS

1. Laura Elizia Haubert - Graduada em Filosofia. Mestranda em Filosofia pela PUC-SP. Bolsista CNPq.
2. Klaus Penna Prellwitz - Graduado em Direito. Mestrando em Filosofia pela PUC-SP.
3. Os manuscritos de Schleiermacher incluídos na edição de Kimmerle são: (a) Die Aphorismen von 1805 und 1809/10; (b) Der erste Entwurf von 1809/10, mit einem loser Zettel II' von 1810/11; (c) Die kompendienartige Darstellung von 1819, mit Randbemerkungen von 1828 als Fussnote und einem Entwurf für die Darstellung des zweiten Teils III' von 1822; (d) Die gesonderte Darstellung des zweiten Teils von 1826/27; e (e) Die Randbemerkungen von 1832/33. Todos eles são precedidos de um resumo redigido pelo próprio Kimmerle.

## REFERÊNCIAS

- DESPLAND, Michel. L'herméneutique de Schleiermacher dans son contexte historique et culturel. *Studies in Religion/Sciences Religieuses*, 12(1), 35-50, 1983.
- DILTHEY, Wilhelm. O surgimento da hermenêutica (1900). Tradução de Eduardo Gross. *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião*. v.2, n.1, p. 11-32, 1999.
- FORSTER, Michael N. Hermeneutics. In: LEITER, Brian; ROSEN, Michael (ed.). *The Oxford Handbook of Continental Philosophy*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- FRANK, M. *Das individuelle Allgemeine. Textstrukturierung und -interpretation nach Schleiermacher*. Frankfurt a. Main (Al): Suhrkamp, 1985.
- GADAMER, H. G. *Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Tradução F.P. Meurer; E.P.Gianchini; M.S.C. Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- GARCÍA GOMEZ-HERAS, José María. En los orígenes de la hermenéutica contemporánea: F.D.E.Schleiermacher. *Azafea. Rev. Filos.* 5, p.29-52, 2003.
- JEANROND, Werner G. *Theological hermeneutics: development and significance*. London: Macmillan, 1991.
- RICOEUR, Paul. Schleiermacher's Hermeneutics. *The Monist*, 60 (2), 181-197, 1997.
- RUEDELL, Aloísio. Filosofia e imaginação: uma discussão sobre a hermenêutica de Friedrich Schleiermacher. *Problemata: R. Intern. Fil.* vol.4, n.1, p.65-78, 2013.
- RUEDELL, Aloísio. Hermenêutica e linguagem em Schleiermacher. *Nat. Hum.* [online]. vol. 14, n.2, pp.1-13, 2012.
- SCHLEIERMACHER, F.D.E. *Hermenêutica e crítica; com um anexo de textos de Schleiermacher sobre filosofia da linguagem - I*. Tradução A. Ruedell. Ijuí, RS: Unijuí, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Hermenêutica - arte e técnica da interpretação*. Tradução e apresentação de Celso Reni Braidá. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- SCHMIDT, Lawrence K. *Hermenêutica*. Tradução de Fábio Ribeiro. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. (Série Pensamento Moderno).
- SZONDI, Peter. *Introduction to literary hermeneutics*. Translated from the german by Martha Woodmansee. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- ZIMMERMANN, Jens. *Hermeneutics: a very short introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2015.